



A ORALIDADE NA ABORDAGEM DAS BENZEDURAS EM POMERANO

Nikole Schellin Wille
Universidade Federal de Pelotas
nikolewille@outlook.com

Vania Grim Thies
Universidade Federal de Pelotas
vaniagrim@gmail.com

Desde a imigração para o Brasil até os tempos atuais, a oralidade tem sido uma das principais características culturais do povo pomerano⁴³. É por meio das práticas orais que os conhecimentos são transmitidos de geração a geração e assim também “preservam um modo de vida comunitário, em torno de valores comuns e da espiritualidade” (Mazurana; Dias; Laureano, 2016, p.162).

Inicialmente, é necessário contextualizar sobre a religiosidade e a escolarização da protagonista da pesquisa⁴⁴, Amanda Bochart Schellin, uma mulher de descendência pomerana, atualmente com 88 anos, que nasceu em 17 de maio de 1936, no interior do município de Canguçu, no Rio Grande do Sul.

Os aspectos metodológicos do trabalho estão ancorados nos pressupostos da História Cultural (Burke, 1992) e aproximam-se também dos estudos já realizados por Galvão, Melo, Souza e Resende (2007) destacando o que as pessoas e grupos

⁴³ Os pomeranos imigraram para o Brasil, vindos da extinta Pomerânia, território hoje compreendido entre a Alemanha e a Polônia.

⁴⁴ Este estudo é desenvolvido no âmbito do Centro de memória e pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales). Para saber mais ver em: <https://wp.ufpel.edu.br/hisales/>. O trabalho integra a pesquisa “Modos de produção e participação nas culturas do escrito por pomeranos da região sul

sociais de diferentes contextos realizam com a leitura, a escrita e a oralidade. Para o caso apresentado, trata-se de um estudo de caráter monográfico considerando o contexto histórico e de vida da pessoa pesquisada. Desta forma, devido a proximidade de uma das autoras com Amanda, os dados coletados da pesquisa vão para além das metodologias aplicadas. Uma vez que, vivenciar a prática do benzer causa influência acerca da sua compreensão.

A coleta dos dados, ocorreu por meio de observação das práticas de benzedura e anotação em diário de campo a fim de construir um panorama geral sobre sua relação com o benzer. Para compreender seu processo de escolarização, o contexto de vida, utilizou-se das narrativas orais gravadas com aparelho de celular e anotações em caderno de campo. Entre os anos de 1945 e 1949, Amanda estudou em uma escola multisseriada próximo a localidade onde residia. Conforme o seu relato, sua sala de aula era o templo da igreja Evangélica Luterana Independente da Solidez⁴⁵. Para Albrecht (2017), a junção de escola e igreja é denominada de “sociedade escolar e religiosa” (Albrecht, 2017, p.13). Devido ao contexto repressivo do período conhecido como Estado Novo (1937-1945) liderado por Getúlio Vargas, Amanda revela que o medo era um sentimento predominante no ambiente escolar. Neste espaço, o uso de sua língua materna, o pomerano, foi proibido, o que impediu a consolidação da aprendizagem da leitura e da escrita. Assim, na escola, Amanda aprendeu a escrever seu nome, reconhecer as letras, os números e a realizar operações simples de cálculo. No ano de 1949, ela deixou de ir à escola logo após sua confirmação⁴⁶ para ajudar os pais como era a prática da época. Mesmo com sua pouca escolarização, por toda a sua vida, Amanda tem manifestado intrínseca relação com o mundo das culturas do escrito. Ela realiza a guarda de materiais escritos, escreve lista de compras, receitas culinárias e realiza as benzeduras em sua casa, atualmente residindo na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul.

Entende-se a oralidade como principal pilar deste trabalho, uma vez que permite a problematização das diversas práticas culturais de Amanda. No entanto, este resumo se limita a evidenciar apenas as benzeduras praticadas por Amanda, problematizando a relação entre a oralidade e o ato de benzer. Se a oralidade está

⁴⁵ Instituição religiosa caracterizada por não pertencer a nenhum Sínodo. Localizada no interior do município de Canguçu/RS.

⁴⁶ Com a conclusão do Ensino Confirmatório que é o processo de educação cristã, voltado ao estudo das primeiras normas e doutrinas de fé da bíblia sagrada para jovens entre 10 a 14 anos. Acontece a Cerimônia de Confirmação, na qual, os jovens confessam publicamente a fé, que foi concebida no sacramento do Batismo, com o recebimento do sacramento da Santa Ceia.

estritamente relacionada ao uso oral da língua (Marcuschi, 2016), esse uso da língua oral é também influenciado pelas práticas sociais e discursivas de seus falantes, como é o caso da senhora em destaque no estudo. A benzedura é uma prática cultural presente em diferentes grupos étnicos-raciais. Entre os descendentes pomeranos a benzedura também se manifesta, apresentando inúmeras singularidades e pouca homogeneidade nas práticas entre os benzedores.

Entretanto, as benzeduras podem ser caracterizadas por dois aspectos principais e recorrentes: a oralidade acompanhada de gestos e/ou uso de artefatos, tais como, um ramo para a benção, um livro ou caderno. Para Gill e Silva (2019):

Por benzedura se entende o ato, relacionado a saberes populares, que consiste em rezar pelo outro, [...] na perspectiva de curar alguma doença ou de trazer alento para alguma dor e/ou enfermidade, que a pessoa esteja sentindo ou para proteção, sendo necessário, para isso, que ambos, benzedor e benzido, tenham fé (Gill e Silva, 2019, p.665-666).

Desde a infância até os dias atuais, essa prática cultural está presente na vida de Amanda. Ela afirma que aprendeu a benzer observando seu pai e sua mãe praticarem benzeduras em familiares, amigos e vizinhos.

Quando solicitada, Amanda realiza as seguintes benzeduras: Quebrante⁴⁷, sol⁴⁸, encalho⁴⁹, espinhela caída⁵⁰, terçol⁵¹ e cobreiro⁵². E, mesmo residindo distante de uma comunidade pomerana, diversas pessoas a procuram sabendo de suas práticas de cura.

Benzedeiras pomeranas ainda são referência, inclusive para a população não pomerana, já que atende a todas as pessoas, sem diferenciação. Através do dom e da fé, benzem quebrante, vermelhidão com feridas, insolação, sapinho, dentre outros males (Mazurana; Dias; Laureano; 2016, p.167).

As palavras ditas por Amanda durante o ato do benzer misturam português e pomerano. Na década de 1960, ela aprendeu a se comunicar em português e, nos dias atuais, devido a diminuição do uso de sua língua materna, nota-se que muitas palavras

⁴⁷ Quebrante ou quebranto: Espécie de fraqueza e/ou desânimo; um esmorecer geral do corpo que se origina de um mal querer de alguém.

⁴⁸ Sol: Quando a pessoa sofre com dor de cabeça, e acredita-se que possa estar relacionado a uma espécie de insolação.

⁴⁹ Encalho: Está relacionado a um desconforto estomacal. Amanda possui duas benzeduras para este mal.

⁵⁰ Espinhela caída: No conhecimento popular, trata-se de um ossinho mole que vem do coração e que se está caído provoca dor no estômago, costas e pernas; causando um maior cansaço à pessoa. Acredita-se que a causa está relacionada ao esforço físico que a pessoa faz.

⁵¹ Terçol: Uma espécie de furúnculo ou espinha na pálpebra dos olhos.

⁵² Cobreiro: São bolhas ou feridas, geralmente localizadas próximo aos lábios. No entendimento popular o cobreiro vem de todos os animais que tem peçonha (veneno), como por exemplo, a aranha.

já foram esquecidas de seu vocabulário.

A oralidade nesse caso, mistura-se com a sabedoria da senhora Amanda aprendida em sua casa com a família, uma transmissão familiar comum entre o povo pomerano. Este estudo ainda em fase inicial, permite questionamentos para a continuação da pesquisa. No entanto, é possível afirmar que o trabalho procura trazer contribuições para o campo da História da Educação dando visibilidade aos indivíduos e suas práticas de relação com as culturas do escrito, enfocando suas trajetórias individuais e os modos de lidar com a culturas do escrito e seus contextos históricos.

Palavras-chave: História da Educação, Pomeranos, Oralidade, Benzeduras.

Referências

ALBRECHT, Elias Kruger. **Entre textos e imagens:** o processo de ensino-aprendizagem em cartilhas alemãs produzidas para escolas sinodais. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2017. Disponível em: https://wp.ufpel.edu.br/residenciapedagogica/files/2023/08/TCC_-Elias-kruger-Albrecht.pdf. Acesso em: 28 ago. 2024.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história.** São Paulo: Unesp, 1992.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira *et al.* **História da cultura escrita:** séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

GILL, Lorena Almeida; SILVA, Eduarda Borges da. O cuidado com os outros: a benzedura no sul do Brasil. **Tempos Históricos**, v. 23, n. 1, p. 663-689, 2019.

MARCUSCHI, Beth. Oralidade. *In*: FRADE, Isabel Cristina da Silva; VAL, Maria da Graça Costa; BREGUNCI, Maria das Graças de Castro (org.). **Glossário Ceale:** termos de alfabetização, leitura e escrita para alfabetizadores. Belo Horizonte: Faculdade de Educação da UFMG, 2014. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/oralidade>. Acesso em: 28 ago. 2024.

MAZURANA, Juliana; DIAS, Jaqueline Evangelista; LAUREANO, Lourdes Cardozo. **Povos e comunidades tradicionais do Pampa.** Porto Alegre: Fundação Luterana de Diaconia, 2016. Disponível em: <https://fld.com.br/wp-content/uploads/2019/06/Livro-povos-e-comunidades-tradicionais-do-pampa.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2024.